

04-11-2020

MINERAÇÃO E SOFRIMENTO AMBIENTAL

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Nos últimos dias a chuva tocou a terra vermelha de Goiás.

Após meses de calor e praticamente nenhuma gota d'água derramada do céu do Planalto Central, as primeiras chuvas alegraram os pássaros que dançam no céu de Goiânia (GO) e avultaram as distintas tonalidades de verde, que brotaram das árvores ressequidas do Cerrado.

A transformação repentina da paisagem não passa despercebida somente por aqueles que têm os olhos educados pela geografia. Todos observam e sentem as mudanças de cheiros, cores, sons, umidade do ar e temperatura diária.

O desconforto de 38 graus e a umidade do ar abaixo de 12%, no decorrer dos meses de agosto e de setembro, modificam-se com as chuvas. As famílias de trabalhadores com pessoas idosas em casa tranquilizam-se diante do calor abrandado; atenuam-se os incômodos nos olhos, lábios, pele e vias respiratórias, provocados por poeiras e fumaças de queimadas.

Essa descrição explícita o momento de transição da estação seca à estação chuvosa nas áreas de Cerrado. E não há dúvidas de que essa transição, que tateia o meio ambiente, influi na qualidade de vida relacionada às práticas de leitura, escrita, deslocamento, descanso, lazer e trabalho. Situações que explicam o que estudiosos do clima e arquitetos denominam conforto ou desconforto ambiental.

Distinta desse viés é a perspectiva do sofrimento ambiental, cujos determinantes da vida boa ou da deterioração da saúde suplantam as mediações do ambiente natural, as variações das estações secas e chuvosas, as oscilações de umidade e temperatura.

Esse viés requer o tino crítico e a mira às transformações, impactos e fraturas provocadas no ambiente em que as pessoas moram, brincam, circulam, trabalham, estabelecem relações de vizinhança e pertencimento (Souza, 2019). Fatores como poluição do ar e sonora, contaminação do solo e das águas, desmatamento e destruição de nascentes, desestruturam ambientes de vida de populações.

O termo sofrimento ambiental emergiu de experiências de pesquisas realizadas na Argentina, como as de Javier Auyero e Débora Swistun, que investigaram efeitos de ações industriais contaminantes em uma favela (Villa Inflamable) de Buenos Aires na saúde das pessoas residentes. Por consequência, identificaram um tipo específico de "sofrimento social" que então passaram a denominar de "sofrimento ambiental".

O geógrafo Marcelo Lopes de Souza, no livro *Ambientes e Territórios*, problematiza essa noção ao afirmar que o entendimento que se tem dela solicita plasticidade para evidenciar processos reais causadores de sofrimento ambiental, além de causas relacionadas às "ações contaminantes". Ademais, diz Ele que "o sofrimento ambiental pode ser físico ou psíquico, e ir de um simples desconforto a enfermidades graves, mutilações e incapacitações permanentes, além de incluir os aspectos de sofrimento psíquico ligados, por exemplo, à circunstância de testemunhar desastres ou perder, amigos e vizinhos em uma tragédia" (2019, p.145).

Diante disso, considera-se que sofrimento ambiental é uma noção importante para potencializar a interpretação crítica do modelo de mineração no Brasil. A mineração é uma atividade extrativa que age deteriorando e explotando bens comuns naturais e a saúde de trabalhadores. Além disso, como esse é um setor que opera em redes de produção integradas a minas subterrâneas e a céu aberto, barragens de rejeitos, pilhas de estéril, minerodutos, ferrovias, portos e siderúrgicas, territórios e populações impactadas são abrangentes.

Ao sofrimento de trabalhadores que adoecem no trabalho soma-se o sofrimento de populações locais desterritorializadas e impactadas em seus espaços de vida no entorno desses empreendimentos. O cotidiano do trabalho na mineração é um cotidiano de exaustão do corpo de trabalhadores; um ambiente no qual por um lado os riscos de mortes provocadas por acidentes são constantes; e por outro, a "morte lenta no trabalho" também é contínua, pois a exposição a ruídos, vibrações, poeira, calor, risco de desabamento, atropelamento, queda, carregamento de peso, manejo de explosivos e maquinários pesados é deteriorante da saúde.

Dados divulgados pela Fundação Jorge Duprat e Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho [FUNDACENTRO] demonstraram que de 2002 a 2010, enquanto o Índice Médio de Acidentes de Trabalho no Brasil foi de 8,6%, na mineração a mesma taxa alcançava 21,9%. Outras informações, divulgadas no jornal OTEMPO (2019), com base no cruzamento de dados da Comunicação de Acidentes de Trabalho (CAT) com o número de empregos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), revelaram que em 2017, "para cada grupo de 100 mil empregados, a taxa foi de 5,6 óbitos para todas as atividades. Na mineração, ela foi de 14,8 mortes". Destaca-se ainda que entre 2012 e 2018, "foram 37,4 mil pessoas feridas em serviços no setor" (OTEMPO, 2019). A despeito dessas cifras serem expressivas, os casos de subnotificação, que são frequentes, as tornam muito maiores. A gravidade dessa realidade no setor da mineração no Brasil tornou-se conhecida do público geral por intermédio dos desastres de rompimentos das barragens de rejeitos em Mariana-MG (novembro de 2015) e Brumadinho-MG (janeiro de 2019). Ambos os casos podem ser considerados "acidentes de trabalho ampliado". No caso de Brumadinho, resultou na morte de 270 pessoas, entre as quais 11 continuam desaparecidas. Dessas mortes, 131 eram empregados diretos da empresa Vale S.A e 139 eram terceirizados ou da comunidade (24/10/2020, Defesa Civil-MG). Esses mesmos desastres ainda são emblemáticos das situações de sofrimento ambiental físico e psíquico. As perdas familiares pela morte de filhos, pais, mães, irmãos ou amigos e vizinhos; a destruição de casas, quintais, terras agricultáveis, rios e nascentes provocadas pela lama-rejeito de minério de ferro; os traumas de pessoas que testemunharam o desastre e ainda vivenciam momentos toldados de tristezas. Há que considerar ainda que o medo de pessoas que vivem próximas a barragens de mineração evidenciam que o sofrimento ambiental também se manifesta de maneira distinta no espaço e no tempo. Assim, enquanto o modelo de mineração predatória prevalecer nos territórios minerados distribuídos em praticamente todo o país, o sofrimento ambiental da população impactada será um fato cotidiano e corrosivo da saúde e da vida de trabalhadores.

continua

Finalmente, no momento em que a chuva chega sorrateira das nuvens que passeiam e cobrem o céu de Goiânia, folheio um livro do poeta chileno Pablo Neruda e identifico nos versos do poema *Los hombres del nitrato*, as seguintes palavras:

“Adonde vayas, habla tú de estos tormentos, habla tú, hermano, de tu hermano que vive abajo, en el infierno”.

Como o poeta que viu de perto o sofrimento dos trabalhadores das minas de cobre e salitre do Chile, não se calou e sonhou a liberdade e a justiça entre povos da América Latina, também não calaremos frente às injustiças e ao sofrimento de mulheres e homens que continuam acidentando, adoecendo e morrendo em situações de trabalhos degradantes na mineração.

■ ■ ■

Referências

- Auyero J, Swistun D. *Inflamable, estudio del sufrimiento ambiental*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- Defesa Civil/MG. Disponível em: <<http://www.defesacivil.mg.gov.br/>>. Acesso em: 20/10/2020.
- FUNDACENTRO - Fundação Jorge Duprat e Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho. <<https://www.gov.br/fundacentro/pt-br>> Acesso: 20/10/2020.
- Neruda P. *Ontologia general*. Espanha: Real Academia Española, 2010.
- OTEMPO. *Mineração mata 3 vezes mais*. 2019. <<https://www.otempo.com.br/>> Acesso: 20/10/2020.
- Souza ML. *Ambientes e territórios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião da mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.